



Recebido em:
17/07/2017
Aprovado em:
17/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

MÍDIA E EDUCAÇÃO INFORMAL: A INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO HUMANA

OTÁVIO AUGUSTO DE OLIVEIRA CARDOSO
ADAILTON SOARES DA SILVA

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

RESUMO:

A educação informal se constitui como a tipo de formação humana, existindo desde que o ser humano se entende como homem até os dias de hoje. Grande parte da humanidade faz uso do ciberespaço, vivenciando uma realidade denominada de cibercultura. O presente artigo possui cunho teórico e objetiva discorrer sobre a forte influência da mídia na educação informal e quem são os envolvidos nessa temática. Faz-se uma abordagem a um personagem relevante que está por trás desse contexto, permitindo novos olhares e abrindo espaço para outras pesquisas e um debate mais aprofundado sobre o tema abordado.

Palavras-chave: Educação informal. Formação humana. Ciberespaço. Mídia.

ABSTRACT:

Informal education constitutes the type of human formation, existing since the human being is understood as a man to this day. Much of mankind makes use of cyberspace, experiencing a reality called cyberculture. This article has the theoretical and objective to discuss the strong influence of the media in informal education and who are involved in this issue. An approach is taken to a relevant character behind this context, allowing for new looks and room for further research and further discussion on the subject.

Keywords: Informal education. Human formation. Cyberspace. Media.

1. INTRODUÇÃO

A educação informal é responsável pela maior parcela da formação humana, em que o indivíduo começa a adquirir regras e valores que o nortearão para viver em sociedade. Sabe-se que para este tipo de educação não existe lugar, horário ou currículo, ou seja, acontece de forma espontânea à medida em que o indivíduo vai interagindo com o meio.

Uma das especificidades da educação informal, uma vez que não possui regras, é que ela própria está sujeita a transformações que influenciarão na formação humana. As mídias digitais é um dos fatores que está adentrando fortemente e ao mesmo tempo está se tornando um dos principais meios de educar informalmente. Atualmente é quase impossível não se deixar influenciar pelas mídias, justamente porque ela possui o poder de controlar o comportamento humano e até mesmo as culturas existentes na sociedade. Nesse sentido, as mídias começam a assumir um papel de destaque no processo de educação informal e acabam por substituir outras maneiras de educar.

Discutir essas transformações que acontecem nesse tipo de educação se torna necessário, partindo da conjuntura de que essas influências provocadas pela mídia afetam a sociedade e a formação humana. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar a influência das redes sociais no comportamento humano na sociedade mediadas pelas tecnologias de informação e da comunicação.

Um personagem relevante que será abordado em seguida, nomeado por *fake*, está incluído nessa temática devido à grande proporção que alcançou e o significado contido por trás desse personagem.

1. A influência da mídia na educação informal

A partir da concepção de que a maior parte da formação humana é constituída do processo de educação informal, abre-se espaço para demonstrar as influências que os indivíduos sofrem devido à grande gama de tecnologias que nos cercam cotidianamente. O processo de educação informal, como afirma LIBNEO (2010), é uma ação ao qual ninguém escapa.

Na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação Educações. (...). Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante (p. 26).

A educação informal está presente na vida desde a era do homem primitivo, a partir da necessidade de sobrevivência, quando o ser humano precisou garantir sua vida e a de seus filhos. Esse tipo de educação não se extinguiu com o advento da educação formal e sistemática, que tem a escola como sua personificação mais emblemática. Elas convivem diariamente e, por isso, nas palavras de Libâneo, há várias educações.

Autores como Philip H. Coombs, Roy C. Prosser e Manzoor Ahmed (1973), em uma pesquisa realizada em parceria com a UNESCO “definem a educação informal como um processo através do qual o indivíduo adquire habilidades, conhecimentos, atitudes e valores ao longo de sua vida”.

Atualmente, com a grande facilidade de acesso aos meios midiáticos, percebemos que desde cedo, crianças começam a ser influenciadas pelas tecnologias e cada vez mais se tornarem reféns do uso frequente de objetos como televisão, computadores, tablets, celulares, tendo por consequência seu processo de educação informal cada vez mais condicionado a essas tecnologias e cada vez mais sendo influenciado, seja de forma positiva ou negativa. Dessa forma, observa-se que a interação social do ser humano está cada vez mais deixando de ser presencial, no corpo a corpo, e passando cada vez mais a ser virtual, e isso se nota desde os anos iniciais da formação e que vai se perpetuando até a fase adulta. Seguindo esse viés, o indivíduo começa a se formar desde a infância, dentro de um ciberespaço e de uma cibercultura.

[...] o ciberespaço pode ser tanto o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado, de realidade virtual, como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta. O ciberespaço é o ambiente simbólico onde as comunidades virtuais se constituem (LEMOS, 2002 apud CORRÊA 2003, p, 5).

Pierre Lévy (1999), na sua obra Cibercultura, traz uma visão mais aprofundada sobre esses conceitos.

A cibercultura é produzida no ciberespaço que é um novo meio de comunicação que surge da interconexão de computadores, na qual ela emerge e se transforma. O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Evidencia-se, desta forma, que o ser humano já faz uso desse ciberespaço, visto que constantemente utiliza-se ferramentas digitais para compras, informação, *downloads* (músicas, vídeos, textos etc), estudos a distância e, principalmente, para comunicação. Essa necessidade de utilização diuturnamente desse ciberespaço é que nos faz entender que estamos inseridos numa cibercultura.

Cada vez mais os indivíduos se utilizam dos meios digitais como ferramenta de comunicação, de trabalho e para estar conectados o tempo inteiro, dessa forma, condicionando o seu universo a um clique de distância. Conforme Kenski (2007, p.19), “as tecnologias invadem as nossas vidas, ampliam a nossa memória, garantem novas possibilidades de bem-estar e fragilizam as capacidades naturais do ser humano”. O contato face a face está cedendo espaço para o contato virtual que possibilita uma comunicação rápida, coletiva e em qualquer lugar, são as vantagens das tecnologias que provocam uma sedução para se obtê-las e gerar nos indivíduos uma sensação de bem-estar por apenas possuí-las. Por outro lado, a predisposição do ser humano em pensar, em criar e em agir são fragilizadas por essas tecnologias, isso porque elas mesmas passam a impressão de resolver tudo sem precisar do esforço humano. A facilidade do manuseio e as várias possibilidades de utilização dessas tecnologias causam uma fascinação no indivíduo, conseqüentemente, atrai a atenção do mesmo, porém deve-se atentar para outros pontos negativos contidos nessas tecnologias, como por exemplo, o imediatismo de informações que as tecnologias midiáticas proporcionam e que cria uma barreira no indivíduo impedindo-o de procurar por respostas as suas dúvidas de forma mais detalhada e concreta e a superficialidade contida nessas informações que na maioria das vezes são vazias ou até mesmo apenas reproduzidas. Quanto a isso, Baitello afirma que:

A reproduzibilidade possibilitada pelos recursos técnicos obedece a uma lógica do eco, da repetição das sílabas finais, das impressões finais e superficiais. Não há memória profunda, há apenas lembranças epidérmicas. Assim também aumentam as séries de imagens reproduzidas: repetem-se suas superfícies, sem memórias viscerais. Aparentemente iguais, mas no fundo e de verdade, já se revelam vitimadas pela fadiga da imagem-mãe, pois já não há mais resquícios das coisas, apenas o eco de suas superfícies (2006. p.52).

Diante desse cenário, a educação informal vai perdendo a sua essencialidade e começa a apossar-se de alguns equívocos contidos nesses elementos midiáticos que influenciarão de forma negativa na formação humana, podendo até mesmo, comprometer uma parcela dessa formação devido à perda de interação corpo a corpo com o outro. A reproduzibilidade e a superficialidade são aspectos possíveis no mundo virtual. Há que se ter bastante cuidado para não ser submerso por essas armadilhas tão presentes na realidade virtual.

Não se pode negar que as tecnologias midiáticas atualmente possuem papel importantíssimo na formação humana, e que é impossível conciliar uma separação entre as duas partes. Quanto a isso Lévy diz que

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material e menos ainda sua parte artificial das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentemos, enfim, que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais (1999, p, 19).

Ainda que se identifique aspectos negativos na utilização do ciberespaço, como foi abordado anteriormente, não se pode negar sua importância no dia a dia das pessoas, visto que o ser humano é inseparável do ambiente material, das produções artificiais de ideias, das invenções humanas e das construções de imagens, palavras e linguagem. Todo esse arcabouço humano está presente na cibercultura, tornando o homem indissociável a essa realidade virtual.

É necessário abstrair as potencialidades englobadas nesses elementos midiáticos para que a educação informal transpasse para os indivíduos uma forma de adquirir de maneira contundente e responsável os valores, as habilidades e os conhecimentos que ela é capaz de oferecer sem excluir do indivíduo a interação com o real e as trocas de

experiência, podendo assim produzir significados que serão levados durante toda a formação humana.

1. Uma perspectiva por trás do *fake*

Partindo do ponto de que atualmente estamos todos conectados virtualmente devido à enorme proporção mundial que a internet alcançou e à criação das redes sociais como Facebook, Twitter e o WhatsApp que possibilitou a comunicação gratuita e coletiva ao redor do mundo, abre-se espaço para uma problemática a qual estão envolvidos os usuários deste ciberespaço e como são criadas as identidades dentro desse universo virtual.

Nesse contexto onde as pessoas buscam uma comunicação rápida e ágil e que visa interesses em comum, também provoca nos indivíduos uma busca por identidades. Quanto a isso, Corrêa (2003) diz que:

A busca em torno da aquisição de novas identidades é necessária para o indivíduo poder delimitar seu lugar no mundo e se fazer reconhecer como diferente entre tantos outros. A possibilidade de ser reconhecido por meio de uma ou várias identidades transforma-se na fonte básica de significação social num cenário de ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições e enfraquecimento de importantes movimentos sociais, que se delinea ao longo da modernidade. (p, 2)

No dia a dia, o ser humano demonstra a necessidade de construir e expor sua identidade. Essa necessidade se estende, evidentemente, à internet, sobretudo nas redes sociais. Por ser a internet, um território ainda um tanto desprovido de organização e regulamentação, as pessoas tendem a ser esconder em outras identidades.

Diante desse cenário, Rheingold aborda:

[...] o indivíduo desprovido de referências tradicionais sai à procura de pessoas com as quais possa compartilhar interesses em comum, ação que se repete, uma vez que é da natureza humana se relacionar socialmente. Nos últimos tempos, porém, tal prática parece ter sido intensificada com a presença das redes mundiais de computadores, que aproximam os indivíduos e possibilitam o surgimento de novas formas de relações sociais, entre as quais destacam-se as comunidades virtuais, espécie de agrupamentos humanos constituídos no ciberespaço ou no ambiente virtual (RHEINGOLD, 1998 apud CORRÊA, 2003, p, 2-3).

O universo virtual proporciona ao indivíduo a possibilidade de ser e de se tornar aquilo que ele não consegue ser no mundo real, um universo ao qual ele se identifica e lhe dá à escolha de criar o seu próprio perfil, seja ele com informações verídicas de si próprio ou com informações falaciosas, ou seja, um perfil falso, também nomeado por *fake*. Ao navegar por esse universo virtual, seja em *sites* de relacionamentos ou redes sociais como Facebook e Twitter, é possível facilmente detectar em grande número esses perfis falsos. Quanto a isso, Pereira (2014) ressalta que

Atualmente, os falsos perfis são identificados em praticamente qualquer *site* de relacionamentos baseados na criação de perfis e recebem as mais variadas denominações, tais como *fake* ou *phony profiles*. Sua definição continua ambígua e as estatísticas a seu respeito geralmente incluem entre os perfis falsos aqueles criados por sistemas de *spam*, por usuários quaisquer que não se identificam conforme as regras dessas plataformas e, em alguns casos, até mesmo por grupos e instituições (p, 57).

É necessário destacar que existem argumentos contra esses falsos perfis com a alegação de que são utilizados para práticas criminosas, a exemplo do racismo virtual e do assédio sexual na internet. Deve-se salientar que esses perfis falsos são vistos como um problema para os gerenciadores de *sites* por causar dificuldade de administração devido as falsas informações contidas. Sobre eles, o autor ainda diz:

[...] esses perfis estimulam a busca incessante por categorizações que permitam sua mensuração, comparação e análise em termos estatísticos, a partir de padrões, gráficos e tabelas capazes de revelar sua (supostamente) “verdadeira” dimensão e influência. Mas, quanto maior a quantidade de informações sobre eles, mais os falsos perfis mostram-se

escorregadios, imprecisos e incalculáveis (PEREIRA, 2014, p. 57).

Esses são alguns argumentos que se posicionam contra a criação desses falsos perfis e que visam melhorias de segurança para evitar usuários indevidos que se utilizam de informações falsas para terem acesso a esses *sites*, e para promover ainda mais segurança para seus usuários que navegam com informações consideradas verdadeiras.

A principal característica desses falsos perfis talvez seja a sua ambiguidade. Pereira (2014) exemplifica essa característica ao discorrer que:

A repercussão (positiva ou negativa) desses perfis, tal como os prêmios que os reverenciam ou os esforços de administradores de redes e sistemas de segurança que buscam contê-los, atestam e amplificam a sua influência. Elaborados a partir de um imaginário mediático e referendados pelas redes de comunicação que lhes garantem importância e pertinência nas discussões do contemporâneo, esses perfis não constituem apenas uma novidade, mas configuram-se como elemento da cibercultura que coloca em questão os pressupostos de verdade, autenticidade, identidade e alteridade (p. 61).

As pessoas por trás de perfis falsos sentem-se premiadas ao perceberem que trazem polêmica e repercussão. Ainda que sejam combatidos e, muitas vezes, contidos, os *fakes* retornam com mais força e insistência, pois tais perfis se configuram como uma realidade na cibercultura. Tão certo como a existência de pessoas dissimuladas e carentes de exposição no dia a dia, assim é a existência dos *fakes* nos ambientes virtuais. São pessoas também carentes de exposições, ainda que de forma dissimulada, ainda que em perfis falsos.

Por outro lado, existe argumentos que defendem esses falsos perfis, sobre isso, o mesmo autor aborda que

a favor desses falsos perfis estão os argumentos de defesa da liberdade de expressão, de críticas a situações consideradas constrangimento ou invasão de privacidade e de afirmação desse modo de existência como único meio de escapar à coerção de governos autoritários. Nesses casos, os falsos perfis são vistos positivamente, como uma estratégia de segurança pessoal contra curiosos, indesejados, criminosos e também contra as plataformas, sempre famintas por informações sobre seus usuários a partir das quais constroem bancos de dados e vendem publicidade direcionada (PEREIRA, 2014, p. 62).

Um outro aspecto importante a destacar é que esses falsos perfis além de promover uma identidade a esses indivíduos, também trazem significados de grande relevância para à vida dos mesmos, isso se deve, em geral, pela aparente liberdade que o ciberespaço oferece e que acaba gerando uma forte influência no cotidiano de seus usuários. Há também casos em que os perfis falsos são criados como ferramenta de negócio e funcionam como fonte de lucro para seus administradores que utilizam a criatividade e acabam fazendo sucesso.

Diante disso, não se pode considerar que os perfis *fakes* são utilizados unicamente como um objeto para práticas indevidas, existem perfis dessa natureza que possuem um enorme significado para determinadas pessoas e para outras são fontes de renda que agregam significativamente no seu cotidiano.

1. Algumas considerações

Diante do tema exposto, é possível fazer uma análise mais aprofundada sobre as transformações sofridas pela educação informal decorrentes da forte influência das mídias e de como essas transformações impactam na formação humana, tanto positivamente como negativamente.

É possível afirmar que a mídia acabou condicionando boa parte do processo de educar informalmente e que dessa forma ela está se tornando protagonista desse processo e ao mesmo tempo adquirindo enorme responsabilidade, mas, já é possível observar alguns problemas, a exemplo do excesso de informações que causam uma confusão no indivíduo e que em grande parte não são relevantes e também a superficialidade contida em algumas informações que as vezes não passam de meras cópias.

É importante entender que a educação informal é inerente ao ser humano, desde o tempo em que este se reconheceu

como homem. Entretanto, essa educação informal invade o mundo virtual também, não ficando restrita aos usos, aos costumes, ao repasse de conhecimento da humanidade, à questão cultural e ao senso comum, presentes na história das sociedades humanas. Aprende-se a todo instante no cotidiano tradicional das pessoas e nos ciberespaços.

Por outro lado, com a enorme proporção que a internet tomou, a mídia trouxe facilidades em comunicação e proporciona um novo ambiente para seus usuários, ambiente este, que chama a atenção pelas peculiaridades, como por exemplo, a liberdade de expressão e a possibilidade do indivíduo navegar virtualmente como deseja sem precisar se expor, as quais se constituem em aspectos positivos. Porém há aspectos negativos também, como práticas criminosas que vão desde o racismo ao assédio sexual, dentre outras. Estas são perspectivas ambíguas que estão por trás dos falsos perfis (*fakes*), e que na maioria das vezes não são levadas em consideração, necessitando de análises mais profundas. Desta forma, não se pode negar que a presença dos *fakes*, traz repercussões que levam os usuários à procura de soluções e conhecimentos no mundo virtual, tão propício à educação informal.

Essa linha de pesquisa, apesar de ser muito atual, ainda não possui grande abrangência por pesquisadores. Dessa forma, abre-se espaço para novos olhares, novas pesquisas e novos segmentos para promover um debate aprofundado e esclarecedor.

1. REFERÊNCIAS

BAITELLO, Norval Junior Et Al. **Os meios da Incomunicação**. São Paulo: Annablume, 2005.

COOMBS, Philip Hall; PROSSER, Roy; MANZOOR, Ahmed. **Novos caminhos para aprender para crianças rurais e para a África**. Nova York: Conselho Internacional para o Desenvolvimento da Educação, 1973. (Traduzido por mim mesmo)

CORRÊA. Cynthia H. Watanabe. **Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede**. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/226/122>. Acesso em: 13 Jun. 2017.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias** – 2ª Edição. Local Campinas, Papirus, 2007.

LE MOS, André. **Agregações Eletrônicas ou Comunidades Virtuais Análise das listas Facom e Cibercultura**. [S.l.], 2002a. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/agregacao.htm>. Acesso em: 13 Jun. 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBNEO, José Carlos; Oliveira, João Ferreira de; Thoschi, Mirza Seabra. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PEREIRA, Heloísa Prates. **A sedução do falso Emergência e significação de falsos perfis nos websites de redes sociais**. São Paulo, 2014. Disponível: <https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/4676>. Acesso em: 08 Jun. 2017.

RHEINGOLD, H. apud CORRÊA. Cynthia H. Watanabe. **Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede**. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/226/122>. Acesso em: 13 Jun. 2017.